



MODELO EDUCATIVO

Digitalização avança como complemento ao ensino presencial

É necessário capacitar as famílias, o país, as instituições... o avanço dos últimos 15 meses não esquece o muito que falta fazer.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

A pandemia da Covid-19 acelerou a digitalização do sector da Educação, que está agora mais ágil, mas, talvez, não tanto quanto poderia estar. A digitalização desempenha um papel importante sobretudo ao nível dos processos... e, sim, vai tornar-se cada vez mais importante, mas não substitui as aulas presenciais, menos ainda a componente humana.

"Em todos os níveis da educação e à escala global, reagimos não só com o desenvolvimento acelerado de novos modelos de educação, fazendo uso dos meios digitais hoje disponíveis (equipamentos e programas), como também com um imenso esforço de adaptação, trazendo esses modelos para a prática do nosso quotidiano institucional", afirma Sebastião Feyo de Azevedo ao Jornal Económico (JE). O Reitor da Universidade Portucalense enfatiza o contexto da dupla transição: digital e de sustentabilidade e o confronto da Humanidade com mais uma ameaça ao seu modelo de vida, a pandemia do Covid-19 e considera que a reação foi "possivelmente em excesso e com bastante instabilidade", mas, pela positiva, colocou-nos "no caminho certo do futuro".

O que se fez e o que falta fazer? "Muito menos do que aquilo que devia ter sido feito", diz Sebastião Feyo de Azevedo. Pela frente há um longo caminho a percorrer. O Reitor da UPortucalense enumera um vasto conjunto de ações concretas a serem tomadas em mãos por governo e instituições, de forma devidamente articulada, incluindo com os docentes. Entre as prioridades, o reitor da UPortucalense destaca "a necessidade de adequar o edifício jurídico ao modelo educativo de aprendizagem híbrida". No mesmo nível de importância, coloca a capacitação tecnológica das famílias, a capacitação do País em redes de alta velocidade e a capacitação dos docentes a dois níveis, tanto no plano da substância pedagógica, como no plano tecnológico. Ao nível das instituições de ensino su-



PEDRO DOMINGINHOS
Presidente do CCISP
e Presidente do IPSetúbal



SEBASTIÃO FEYO DE AZEVEDO
Reitor da Universidade Portucalense



PEDRO COSTA
Presidente da Coimbra Business School | ISCAC

perior, há também muito a fazer. Sebastião Feyo de Azevedo explica que a "capacitação tecnológica das instituições" tem de ser feita a dois níveis: em primeiro lugar em meios na sala de aula; depois, e mais difícil de concretizar, na transformação possível da arquitetura das salas para a realidade da atividade colaborativa dos estudantes". A capacitação formativa das instituições, também será a dois níveis, adianta: "providenciando apoio especializado a docentes/estudantes (ou formadores/formandos); providenciando meios efetivos de apoio multimédia".

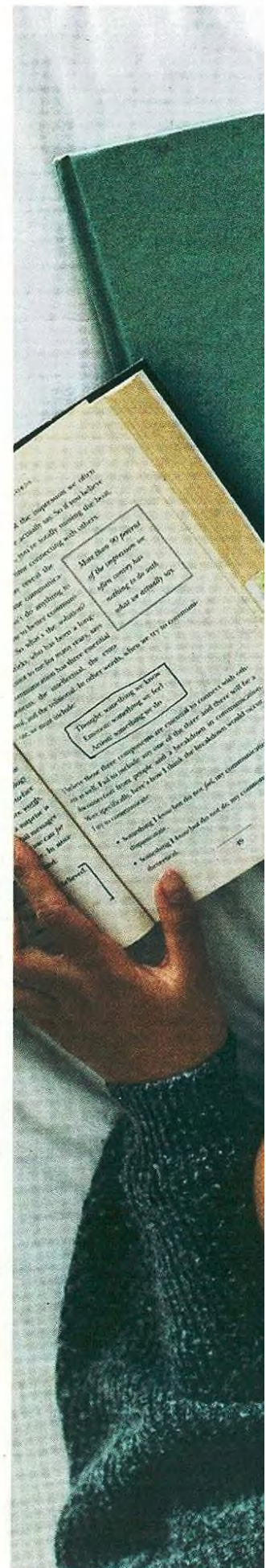
O que fizeram os politécnicos

Todos os estabelecimentos de ensino superior suspenderam as aulas presenciais e acionaram o Plano B quando a decisão política o ordenou. No sistema politécnico, a reação foi "célere, holística e inclusiva", diz Pedro Dominginhos, Presidente do Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos (CCISP) ao JE. No prazo de uma semana, as aulas migraram dos campi para as plataformas de ensino a distância. Foi o primeiro passo de um processo evolutivo com várias dimensões.

"Estamos perante uma tendência que se fortalecerá, em complemento ao ensino presencial - explica - especialmente nos processos de autoestudo, na tipologia de aulas e processos de aprendizagem que não envolvam tanta interação, experimentação e formação em contexto real, bem como, na formação ao longo da vida".

O também presidente do IPSetúbal revela que as instituições do sector têm vindo a desenvolver vários projetos associados à digitalização da sua atividade nas áreas da desmaterialização dos processos administrativos, através da implementação de sistemas de gestão documental e de secretarias digitais, e de sistemas de Student Relationship Management (SRM).

"A pandemia veio, naturalmente, intensificar muitos destes projetos, num processo que me parece irreversível e que será, com certeza, re-





forçado no futuro”, adianta Pedro Dominginhos.

Ao nível dos processos de ensino aprendizagem, os politécnicos tinham iniciado alguns cursos em regime de e-learning e de b-learning, e desenvolvido vários Massive Online Open Courses (MOOC). Porém, salienta, nos últimos 15 meses, o processo “intensificou-se e uma parte significativa das aulas migrou para plataformas de ensino a distância, fazendo crescer o número de estudantes e docentes que passou a utilizar esta tipologia de ensino”.

O exemplo do ISCAC

Quando em março de 2020, o Governo ordenou o primeiro confinamento, a Coimbra Business School | ISCAC não perdeu tempo. A escola de negócios utiliza há anos sistemas de ‘b-learning’ (blended learning), conjugação entre ensino à distância e ensino presencial, o que lhe permitiu reagir quase instantaneamente e sem sobressalto. Agora joga em dois tabuleiros. “Temos um mix simultâneo de aulas presenciais e à distância, assente num modelo sistematizado e robusto com conteúdos nativos digitais, que permite maximizar os benefícios pedagógicos e técnico-científicos da digitalização, sem, contudo, descuidar o contacto presencial, imprescindível, com os professores, investigadores e demais comunidade académica” – explica Pedro Costa, presidente da Coimbra Business School | ISCAC, ao JE.

Há dois anos, antes da pandemia, portanto, na Conferência Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação de que o ISCAC é promotor, Pedro Costa tinha defendido que o ensino superior português só seria competitivo a nível mundial se estivesse assente em sistemas de ‘b-learning’. “Era para nós evidente que o ensino superior teria que passar por um processo de digitalização, acompanhado de uma profunda mudança dos modelos de ensino-aprendizagem. A pandemia veio acelerar esse processo, revelando-se como um verdadeiro catalisador da transformação digital, não só no sector da educação, mas, de uma forma geral, em todos os sectores das sociedades modernas”.

Na educação como em tudo, a desigualdade é o pecado capital, o alvo a combater. Apoiar os estudantes com dificuldades de acesso à rede ou a equipamentos informáticos adequados foi uma prioridade na Coimbra Business School | ISCAC. No regime misto, atualmente em vigor, os estudantes que estão em casa podem assistir às aulas em igualdade de circunstâncias com os colegas fisicamente presentes na sala de aula, podem participar e interagir em tempo real, com os professores e com os restantes alunos.

“O ensino superior deve ser repensado para, de uma forma verdadeiramente inclusiva e equitativa, e num modelo colaborativo, cada vez mais à escala global, participar mais ativamente no desenvolvimento da sociedade em todas as suas vertentes: social, cultural, tecnológica e económica”, afirma Pedro Costa. Aqui deixa o alerta, que é, simultaneamente, um conselho. ●



ID: 93554529

25-06-2021 | Educação

JE editors **TALKS**

Entenda os desafios emergentes da revolução tecnológica em curso no Ensino. Esperamos por si!

Acompanhe em direto na plataforma multimédia JETV, em www.jornaleconomico.pt

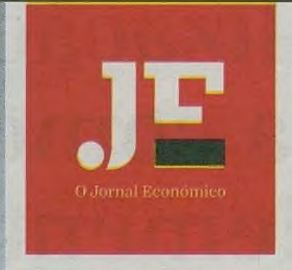
Convidados:



1 julho | 15h00

Este suplemento faz parte integrante do Jornal Económico N.º 2099 não pode ser vendido separadamente

25 junho 2021 | ESPECIAL



ESPECIAL



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

À PROCURA DA TRANSIÇÃO DIGITAL

A pandemia obrigou a uma muito repentina generalização do uso da tecnologia no sistema educativo, o que permitiu conhecer os benefícios que pode trazer, mas também as debilidades que é necessário corrigir. O futuro da educação vai ser digital, é certo, mas vai ser necessário investir na capacitação de todos os agentes do sistema, para que possam tirar partido de todas as vantagens, e também uma rede que possa suportar a tecnologia. Os estudos dizem que este processo vai ser determinante para o crescimento económico.

MODELO EDUCATIVO

Digitalização avança como complemento ao ensino presencial ● II

ENTREVISTA

Adelino Sousa Director Executivo da Virtual Educa

“Portugal precisa de um plano tecnológico de longo prazo”

Como português, Adelino Sousa gostaria de ver o país transformar-se em farol do sector. ● VI



MUDANÇA

Empresas levam tecnologia portuguesa às escolas ● VIII

FÓRUM

Quais são os benefícios e os problemas da digitalização no sector da educação? ● X